

**Arte e Psicopatologia: a Defesa Sadomasoquista e a Transcendência do Mal
Um Enigma que reúne a Vida e a Obra de Franz Kafka¹
Um Estudo da Psicopatologia Simbólica Junguiana**

Carlos Amadeu Botelho Byington²

Introdução

Franz Kafka (1883-1924) foi um grande gênio da literatura alemã do século 20, comparável à grandiosidade de James Joyce na literatura inglesa e a Marcel Proust, na francesa. Pouco conhecido, ele publicou apenas parte de sua obra durante sua vida e, antes de morrer de tuberculose, às vésperas de completar 41 anos, no apogeu de sua criatividade, pediu ao amigo e futuro biógrafo, Max Brod, que destruísse o resto de sua obra, suas cartas, seus diários e a famosa *Carta ao Pai*, escrita em 1919, que este nunca chegou a ler. Neste artigo, quero sugerir que Kafka foi portador de uma grave defesa sadomasoquista, oriunda de fixações do seu complexo parental, que se transformou na linha mestra do conteúdo da obra, subjacente à genialidade literária. Desejo mostrar como Arte e psicopatologia são dimensões psicológicas diferentes, que podem se entrelaçar por sincronicidade sem que uma seja reduzida à outra causalmente. As frases que cito dos *Diários*, da *Biografia* escrita por Max Brod, das *Cartas* e os exemplos de sonhos não são aqui citados para provar nada, mas tão somente para ilustrar idéias.

O enigma que Kafka nos impõe é o de explicar como um gênio capaz de uma criatividade extraordinária e portador de tanto carisma e bondade, que muitos comparam à dos sábios e até dos santos, tenha publicado apenas parte do que escreveu e tenha ordenado a destruição do resto. A interpretação aqui apresentada é que a psicopatologia de sua personalidade entrelaçou-se com a sua criatividade artística e ali semeou a orientação sadomasoquista de sua destruição. Quero acrescentar também que a criatividade abrangeu

¹ Artigo publicado na Junguiana, revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, nº 22, 2004.

² Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador, historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana.
e-mail: c.byington@uol.com.br site: www.carlosbyington.com.br

a psicopatologia e a ultrapassou na morte, e, mesmo contra a sua vontade, engrandeceu a arte literária da humanidade.

Até o final do século 18, a ética era compreendida na universidade dentro do conceito de pecado do direito canônico da Igreja Católica, coordenado pelo Santo Ofício “quando envolvesse questões da fé” e sujeito às penas da Inquisição. A partir da tomada do poder sobre o saber pela Ciência, a religião foi banida junto com a subjetividade e a fé foi substituída pelo método experimental. Instalou-se na universidade a hegemonia exclusiva da objetividade, e a ética foi a ela subordinada. Desta maneira, o Bem e o Mal foram reduzidos ao certo e ao errado da verdade objetiva, e os demais aspectos da ética ficaram restritos às Ciências Humanas sem, no entanto, ter se estudado seu enraizamento científico na subjetividade.

O retorno ao subjetivo pelo mesmerismo e pelo hipnotismo, no século 19, já agora dentro da ciência médica, levou à descoberta da imaginação inconsciente, da participação dos processos inconscientes na patologia mental e ao estudo do desenvolvimento normal da Consciência a partir das relações primárias. Reabriu-se assim o caminho para o estudo científico da ética, agora fundamentada nos processos conscientes e inconscientes, que geram a motivação e a conduta. Assim sendo, a ética passou a ser também estudada dentro das teorias de desenvolvimento da personalidade.

A Psicanálise é clara a esse respeito. A criança é perverso-polimorfa. O ser humano tende para o Mal ao nascer, em função tanto do Instinto de Vida quanto do Instinto de Morte. Eros busca o incesto e Tanatos, o parricídio. O menino apresenta, ao nascer, o Complexo de Édipo, formado por uma pulsão libidinosa afetiva incestuosa e por outra pulsão agressiva parricida. Essas pulsões devem ser reprimidas e sublimadas até os cinco anos de idade, constituindo-se no seu lugar o Superego, representante dos cânones morais e culturais da sua sociedade, que orientará o Ego para praticar o Bem e evitar o Mal durante a vida. Assim sendo, a Psicanálise considera a natureza humana instintivamente propensa ao Mal, e o Bem advém de sua repressão e sublimação (Freud, 1923).

Apesar de Jung ter formulado em sua obra o conceito de arquétipo como a fonte da criatividade e do desenvolvimento, e considerado o principal dos instintos o Instinto de Individuação, ele deixou seu conceito de ética em posição ambígua. Repetiu freqüentemente que o Mal é uma instância psíquica real que não pode ser subestimada. No início do livro *Aion* chegou até a usar a expressão “Mal absoluto” (Jung, 1951, par. 19), mas não explicou como ele se forma na personalidade. Jung criticou e discordou veementemente da doutrina católica, que concebe Deus como o Bem Maior (*Summum*

Bonum) e o Mal como a privação do Bem (*Privatio Boni*), afirmando que essa doutrina não dá a importância devida ao Mal (Jung, 1951, pars. 94 e 80). Ao mesmo tempo, conceituou a Sombra como uma estrutura inconsciente que contém somente complexos do mesmo sexo que o Ego e que pode ser boa ou má, dependendo do seu conteúdo (Jung, 1951, pars. 13 e 19). Afirma que o Processo de Individuação começa pelo confronto com a Sombra no inconsciente pessoal. Erich Neumann escreveu *A Psicologia Analítica e a Nova Ética*, e nessa obra contrapôs a velha ética, equiparada aos cânones patriarcais tradicionais, a uma nova ética relacionada com os preceitos morais de busca da auto-realização no Processo de Individuação (Neumann, 1948).

A Sombra, para Jung, apesar de abrigar complexos não aceitos na Consciência, nem sempre é má, e às vezes tem conteúdos até muito bons e, por esta razão, ele não identifica a Sombra somente com o Mal e freqüentemente nela inclui não apenas todo o inconsciente pessoal, mas às vezes também o potencial arquetípico (Jung, 1951, pars. 13 e 423). Por conseguinte, ainda que Jung enfatize a necessidade de se admitir a existência do Mal na Psique, termina-se por não compreender como ele acha que o Mal se forma e atua psicodinamicamente. Sem o conceito de Sombra fica ambíguo e diluído, e não contribui decisivamente para a compreensão dinâmica da ética, apesar de o confronto com a Sombra ser considerada uma missão ética da individuação (Jung, 1951, par. 14).

Continuando Jung e Neumann, a Psicologia Simbólica Junguiana postula que todas as vivências humanas, com seus componentes subjetivos e objetivos, são potencialmente **símbolos estruturantes** da Consciência, todos sempre pessoais e arquetípicos. Considera também todas as funções da vida, subjetivas e objetivas, **funções estruturantes**, que se conjugam para formar **sistemas estruturantes**, os quais, coordenados por arquétipos, elaboram os símbolos estruturantes para formar a identidade do Ego e do Outro na Consciência. Símbolos, funções e sistemas estruturantes formam os complexos descritos por Jung, que podem ser normais ou patológicos. Este fato torna o **processo de elaboração simbólica** o centro da atividade psíquica coordenada pelo Arquétipo Central do Self (Byington, 2004, cap. 1).

O Quatérnio Estruturante Parental da Polaridade Ego-Outro

Dentre os incontáveis fatores que entram na formação da identidade da polaridade Ego-Outro, que incluem os significados de pessoas, fatos e reações do Ego a eles, o quatérnio parental tem uma função muito importante. Foi isso que Freud genialmente

percebeu, mas infelizmente reduziu ao Complexo de Édipo, restringindo a afetividade ao sexo e à tendência incestuosa no complexo materno e a agressividade à tendência homicida no complexo paterno do homem.

Dentro da Psicologia Simbólica Junguiana, ao invés de ser reduzida ao Complexo de Édipo, a identidade da polaridade Ego-Outro na Consciência é estruturada pelo quatérnio parental a partir de todos os símbolos, funções e sistemas estruturantes expressos **pelo complexo materno, paterno, pelo vínculo parental entre eles e pelas reações do sujeito a essas vivências**. É importante frisar que as reações psíquicas nunca são simplesmente literais e causais, pois ocorrem em função dos significados simbólicos e por sincronicidade dentro de contextos únicos para cada pessoa, os quais se subordinam à dimensão sistêmica que rege o funcionamento global de qualquer organismo vivo (von Bertalanffy, 1968). Por isso, são tão diferentes as conseqüências estruturantes do quatérnio parental na personalidade de cada filho. No caso de Kafka, observamos reações ao complexo parental e a seu vínculo advindas de uma inteligência, sensibilidade, compaixão e argúcia de percepção extraordinárias, que contribuíram decisivamente para a formação da identidade da polaridade Ego-Outro em sua Consciência e em sua Sombra. Seu Ego identificou-se predominantemente com determinadas características de sua mãe, e o Outro predominantemente com aspectos de seu pai, e a polaridade Ego-Outro com o vínculo conflitivo entre os dois. Houve aqui, como sempre, uma mistura de aspectos que denominamos positivos ou negativos em função de sua maior ou menor produtividade no Processo de Individuação. As positivas são identificações não fixadas na Consciência, e as negativas, as fixadas na Sombra. Não há dúvida que os complexos materno e paterno, e as reações do Ego a eles, foram bastante positivos, mas, infelizmente, também intensamente negativos na personalidade de Kafka.

É desnecessário afirmar que alguns símbolos da Sombra são bons e os outros não tanto, pois, neste referencial, todos os símbolos da Sombra são potencialmente capazes de formar a Consciência, ou seja, são potencialmente bons (*Summum Bonum*). Ora, ao seguir Jung e conceituar o principal instinto humano, o Arquétipo Central, como o Instinto de Individuação, podemos considerar a diferenciação da Consciência, como fez Neumann, o caminho do Bem, e a sua disfunção, resultante das fixações que formam a Sombra, o caminho do Mal.

Ao equacionar o principal distúrbio da elaboração simbólica com o fenômeno da fixação, a Psicologia Simbólica Junguiana a transformou na matriz formadora da Sombra e na base da psicopatologia simbólica. A fixação das funções estruturantes que formam a

Consciência as transforma em funções estruturantes defensivas, cuja criatividade é escravizada pela compulsão de repetição, para expressar arditamente os conteúdos deformados da Sombra e impedir seu acesso à Consciência através da resistência.

A primeira defesa descrita por Freud foi a repressão, inicialmente conceituada para explicar o inconsciente patologicamente reprimido nas neuroses e depois adotada para operacionalizar a sublimação normal do Complexo de Édipo na formação do Superego. A Psicanálise denominou as defesas de “mecanismo de defesa do Ego” e aplicou esse conceito tanto para o desenvolvimento normal quanto para a patologia, mas nem sempre se preocupou em descrever a diferença entre o normal e o patológico.

Parte importantíssima da interpretação dos símbolos é a percepção da diferença fundamental entre o significado das funções não fixadas e fixadas, o que não pode ser sabido *a priori*, pois depende sempre da análise do contexto em que operam. Um sonho parricida de um rapaz com um complexo paterno negativo, por exemplo, pode expressar defensivamente o ódio reprimido que ele tem pelo pai ou ser muito estruturante e produtivo e indicar que ele está começando a se livrar do pai ruim com o qual se identificou. Assim também, um sonho incestuoso de outro jovem, que nunca recebeu carinho de sua mãe, pode significar uma relação patológica com ela ou que seu complexo materno negativo está se transformando positivamente e começando a se aproximar, através da sexualidade simbólica, da imagem materna saudável. Tudo depende da personalidade do sonhador e do contexto existencial em que ocorre o sonho. Este fato limita muito a análise de personalidades históricas, que não conhecemos pessoalmente, como, por exemplo, Hitler (Byington, 2003) e Seu Gabriel (Byington, 1994), que já analisei, e a do próprio Kafka. Essas análises são feitas em função do significado daquilo que criaram e declararam em suas vidas e são, por isso mesmo, muito relativas. Trata-se, na realidade, de meras hipóteses, que, apesar disso, podem contribuir para ilustrar a psicologia normal e patológica devido às características emblemáticas dos seus personagens.

Esta perspectiva considera as defesas sempre arquetípicas e pertencentes ao **eixo simbólico** (Ego/Outro – símbolo e função estruturante – Arquétipo Central), e não exclusivamente ao Ego. Não adoto a denominação Eixo Ego-Self de Neumann porque ela dá a impressão errônea de o Ego poder existir fora do Self. Considero a polaridade Ego-Outro o centro da Consciência e o produto da elaboração simbólica coordenada pelo Arquétipo Central dentro do Self. O fato de conceituar-se as defesas como sendo sempre patológicas e tendo a mesma estrutura que as funções estruturantes não fixadas é muito importante porque permite perceber a patologia derivada do desenvolvimento psicológico

normal, como postulou Jung. Nesse caso, ao tratar e elaborar uma defesa, somos obrigados a buscar também resgatar sua função estruturante não fixada correspondente. Não basta identificar e elaborar a função estruturante da agressividade, por exemplo, quando ela atua defensivamente projetada na imagem materna ou paterna. É necessário também resgatar a agressividade não fixada e incorporar seu funcionamento adequado, seja na personalidade, seja na Cultura.

As diferenças entre esta conceituação de Sombra, formada pela fixação dos símbolos, funções e sistemas estruturantes, e a da Psicologia Analítica tradicional é, primeiro, que aqui a Sombra é sempre formada a partir de um distúrbio da elaboração simbólica normal (*privatio boni*); segundo, que ela inclui símbolos de ambos os sexos; terceiro, que ela é sempre expressa por defesas; quarto, que apesar de sua expressão inadequada e freqüentemente destrutiva, ela é formada por símbolos, funções e sistemas estruturantes sempre pessoais e arquetípicos que **deveriam fazer parte do desenvolvimento normal e só estão na Sombra por terem sofrido fixações**; quinto, que qualquer arquétipo, inclusive o Arquétipo Central, pode, a qualquer momento, em decorrência de determinada experiência, sofrer uma fixação e passar a fazer parte da Sombra.

Esta conceituação permite-nos também compreender que toda e qualquer fixação da elaboração simbólica torna defensivas a função estruturante transcendente e a função estruturante da ética, e assim entender psicodinamicamente a formação da destrutividade humana a partir da criatividade normal, o que significa conceituar o Mal, o erro, o pecado, o sintoma patológico e o crime como deformações do Bem (*privatio boni*). Pelo fato de a elaboração dos símbolos, funções e sistemas estruturantes livres de fixações incluir sempre as funções estruturantes transcendente, ética e sacrificial, a Psicologia Simbólica Junguiana conceitua a busca da realização plena do Arquétipo Central como o caminho do Bem (*summum bonum*) e a atuação da Sombra como o caminho do Mal (*privatio boni*) (Byington, 1997).

O Quatérnio Parental na Vida e na Obra de Kafka

A dominância patriarcal é significativa na família judaica tradicional e Kafka foi o único filho homem, sobrevivendo a dois outros que morreram ainda pequenos. Estes dois fatos podem ter contribuído para que sua identificação com os significados dos pais tenha sido muito intensa. Sua reação ao que os pais representavam para ele e ao significado do

vínculo entre eles, devido à sua extraordinária inteligência e sensibilidade, foi proporcionalmente também muito intensa e significativa.

Nesta perspectiva, seu Ego parece ter se identificado bastante com o lado introvertido e místico da família Löwy, de sua mãe, e admirado, de forma ambígua e com severas restrições, a exuberância forte e extrovertida da personalidade do pai, que formou em sua identidade um Outro opressor, detestado e desprezado, mas também admirado e amado.

Eu já estava esmagado pela simples materialidade do seu corpo. Lembro-me, por exemplo, de que muitas vezes nos despíamos juntos numa cabine. Eu, magro, fraco, franzino, você forte, grande, largo. Já na cabine me sentia miserável e, na realidade, não só diante de você, mas do mundo inteiro, pois para mim, você era a medida de todas as coisas. (*Carta ao Pai*, p. 14)

... Nossas necessidades eram completamente diferentes: o que me arrebatava é capaz de deixá-lo insensível e vice-versa. O que em você é inocência, em mim pode ser culpa, e vice-versa; o que para você não tem conseqüências pode ser a tampa do meu caixão. (*idem*, p. 60)

Possivelmente o desprezo por si mesmo e sua identificação com a barata (*A Metamorfose*, 1912), o cachorro (*Investigações de um Cachorro*, 1923) e o rato (*Josefina*, 1923) têm relação com o sentimento de inferioridade desenvolvido por sua identificação com sua mãe, amorosa, mas covarde e submissa, e o não se sentir capaz de corresponder, em sua própria vida, ao que admirava na de seu pai, a quem tanto amava e, ao mesmo tempo, repudiava com horror. Ficou aí delineado, como “sulcos em seu cérebro” (*Carta ao Pai*, p. 30), seu sistema sadomasoquista.

As descrições de sua personalidade, tanto na biografia escrita por Max Brod (1937) como nas referências de pessoas que o conheceram (Felice Bauer, Dora Geritt, Milena Pollack, Friedrich Thierberger, Dora Dymant, Gustav Janouch dentre outros), trazem uma personalidade riquíssima e complexa, o que para muitos certamente invalidaria a importância que estou atribuindo às suas possíveis identificações primárias negativas. Meu argumento, no entanto, vem da obra e do que o próprio Kafka escreveu na *Carta ao Pai*. No meu entender, aí se encontra o fio condutor do significado profundo do seu Processo de Individuação e de **toda** a sua obra, que descreve com uma inteligência, uma sensibilidade e uma criatividade literária geniais, a tortura de buscar a vida dentro da inviabilidade absoluta de ser.

Tudo é imaginário: família, emprego, amigos, a rua, lá longe, ou aqui perto, a mulher. A maior verdade, porém, é só essa: que você está batendo sua cabeça na parede de uma cela que não tem porta nem janela (*Diários*, 21.10.1921, p. 395).

Costumo recomendar às pessoas em análise, que têm um complexo parental negativo, a leitura desta carta e que depois de lê-la escrevam também a sua própria carta ao pai ou à mãe, o que tem se mostrado muito produtivo.

Na interpretação de qualquer símbolo e, sobretudo na dimensão simbólica da vida e da obra de um gênio, as generalizações rimam com o absurdo. Não intenciono fazer uma interpretação nem da vida nem da literatura de Kafka, pois qualquer uma dessas propostas é uma tarefa hercúlea, que pertence aos especialistas. Pretendo apenas apresentar sumariamente algumas vertentes da psicopatologia da sua personalidade e ilustrá-las com passagens de sua obra, para depois apontar como ambas estão presentes e são transcendidas no sentido maior de sua individuação, de sua relação com a totalidade pelo desenvolvimento simbólico de sua personalidade no Self Individual e Cultural. Para essa tarefa, o próprio Kafka delineou sua problemática psicológica central na *Carta ao Pai*, que escreveu em 1919, aos 35 anos, já sabedor de sua tuberculose e cinco anos antes de morrer. Claro que não se tratou de uma carta testamento, mas também não foi um arroubo da juventude, e sim um depoimento da maturidade.

Assim, sem pretender qualquer reduativismo causal, que além de absurdo seria ridículo, quero enfatizar a importância de Kafka haver sido um prisioneiro de suas identificações primárias negativas e, principalmente, do vínculo parental, característica central de sua identidade fixada na Sombra. De um lado, o pai exuberante e provedor, mas grosseiro, vaidoso, onipotente, autoritário e sádico; de outro, a mãe amorosa, sensível e introvertida, mas covarde, passiva e masoquista. Este vínculo, cuja descrição literária primorosa está presente em tantos e tantos enredos e personagens da obra, expressa o desespero da maldição profética de não poder ser, que permeia cada parágrafo.

Conta Rudolf Fuchs que, certa vez, entre amigos em Weinberg, numa noite gelada, Kafka estava usando um casaco muito leve, pelo que foi criticado. Kafka levantou sua calça, mostrou sua perna nua e contou que tomava banhos gelados no inverno. Acrescentou Fuchs que Kafka sofria de insônia e de terríveis dores de cabeça – provavelmente enxaquecas –, pouco falava de si, mas gostava muito de ouvir os outros... “Mesmo quando sua doença já o estava torturando, ele mantinha sua expressão sorridente.” (Brod, 1937, p.255).

Esconder do mundo, defensivamente, seu sofrimento talvez tenha sido uma das grandes razões para pedir ao amigo Max que destruísse a parte não publicada de sua obra, que era grande, junto com os diários e cartas, o que, felizmente, não foi feito, e que deixou explícita a sua defesa sadomasoquista. Seus sonhos e suas fantasias ilustram exuberantemente o quanto sofria, mesmo antes de contrair a tuberculose que o torturou durante os últimos sete anos de sua vida.

A janela estava aberta, em meus pensamentos desconexos eu me jogava da janela de quinze em quinze minutos, continuamente. Aí vinha um trem, os vagões iam passando sobre o meu corpo estirado nos trilhos, aprofundando e alargando os dois cortes, no pescoço e nas pernas. (Carta a Felice Bauer, 28.03.1913)

A Defesa Sadomasoquista e as Funções Estruturantes

Nesse artigo, quero fundamentar, dentro da Psicopatologia Simbólica Junguiana, a concepção da defesa sadomasoquista como a defesa central dos relacionamentos humanos, pelo fato de concebê-la como resultado da fixação da interação entre a função estruturante do amor e do poder. Ela foi nomeada pela primeira vez por Kraft-Ebing (1893) dentre os distúrbios sexuais perversos e, assim, também empregada por Freud (1905). O conceito de função estruturante, no entanto, permite-nos ver uma variedade enorme de funções operando lado a lado, de maneira separada ou conjugada, sem necessitarmos reduzir uma à outra e diminuir a sua abrangência. Deste modo, é possível ver a função estruturante da sexualidade fazer ou não parte do amor, que é muito mais amplo do que ela.

As Funções da Afetividade e da Agressividade fazem parte do Amor

Se concebermos a afetividade como a função estruturante arquetípica que busca a aproximação daquilo que nos agrada, e a agressividade como a função que afasta o que repudiamos, podemos compreender a polaridade afetividade-agressividade fazendo parte do centro dos relacionamentos emocionais, nos quais a afetividade diz sim e acolhe e a agressividade diz não e repudia. Por conseguinte, a interação normal da afetividade e da agressividade, do sim para o afeto e do não para a frustração, é a essência da psicodinâmica do amor, e a sua disfunção, parte importante da defesa sadomasoquista. Assim sendo, a fixação de qualquer relacionamento emocional afeta necessariamente

também a afetividade e a agressividade, que passam a operar de forma distorcida e a mesclar inadequadamente o sim e o não. Ao fazê-lo, passamos a ter afetividade e aceitação pelo que nos desagrada e agressividade e rejeição por aquilo que nos agrada.

Meu irmão cometera um crime, talvez um assassinato. Eu e outras pessoas estávamos envolvidos... Meu sentimento de felicidade estava no fato que eu recebia tão livremente, com tanta convicção e alegria, o castigo que viria... (*Sonhos*, 20.10.1921).

Meu desenvolvimento foi simples. Quando eu estava contente, eu queria estar infeliz e, com todos os meios de que dispunha, mergulhava na infelicidade – e depois queria voltar. (*Diários*, 1922, p. 405)

É impressionante como eu sistematicamente me destruí ao longo dos anos, como uma fenda que foi se alargando na barragem de uma represa. (*Diários*, 1921, p. 393)

A Relação entre o Amor e o Poder ocupa o Centro da Elaboração Simbólica

Outra polaridade que abrange a polaridade afetividade-agressividade, e é tão central quanto ela nos relacionamentos humanos, é a polaridade amor-poder. Trata-se do poder como função estruturante, que pode atuar junto ou separado da sexualidade e do amor. A associação entre o amor e o poder, devido à sua importância central na vida psíquica, abrange todos os matizes dos relacionamentos humanos, quer quando operam não fixados, e portanto, na Consciência, ou fixados, ou seja, na patologia e na Sombra. Ela reúne, dentro da moldura arquetípica do Processo de Individuação, aspectos centrais da Psicanálise (a pulsão sexual libidínica e a pulsão egóica da assertividade tanática), da Psicologia Individual de Adler (a função estruturante do poder compensatória ao complexo de inferioridade) e da Psicologia Analítica (o Processo de Individuação) dentro do referencial da Psicologia Simbólica Junguiana (elaboração simbólica estruturante sistêmica – veja diagrama no final). Mas como percebermos a interação fixada do amor e do poder na Psicopatologia?

A função estruturante do amor, como já vimos, é composta pelas funções estruturantes da afetividade e da agressividade, e a função estruturante do poder, pelas funções estruturantes da obediência, submissão, passividade, de um lado, e pelas funções estruturantes do controle, comando, liderança, competição e autoridade, do outro.

O amor e o poder formam uma das polaridades principais do Arquétipo Central no desenvolvimento da personalidade, e quando se trata do relacionamento Ego-Outro ou Outro-Outro essa polaridade ocupa dentro da Psicologia e da Psicopatologia Simbólica

Junguiana a posição mais importante dentre todas as demais polaridades (veja diagrama no final). Quando esta polaridade sofre uma fixação e passa a atuar na Sombra, forma-se a defesa sadomasoquista, que pode então ser compreendida como a conjunção defensiva entre o amor e o poder e incluir formas defensivas as mais variadas nos relacionamentos humanos. Assim sendo, esta defesa pode ser empregada para abranger os principais distúrbios dos relacionamentos, seja no Self Individual, no Self Familiar, no Self Sociocultural, no Self Planetário e no Self Cósmico. Escolhi a vida e a obra de Franz Kafka para ilustrar a defesa sadomasoquista devido a sua abrangência e gravidade, vivenciada lado a lado com a criatividade do grande gênio da literatura alemã do século 20.

A Assimetria Normal das Polaridades Psíquicas e a Busca de Equilíbrio

As polaridades psíquicas são geralmente assimétricas, ou seja, um pólo diferencia-se antes do outro e, durante a vida, os pólos vão buscando uma certa equivalência, para que ambos possam contribuir igualmente na elaboração simbólica para o desenvolvimento da Consciência. É comum vermos as pessoas mais racionais adorarem brincar com os netinhos na segunda metade da vida, as afetivas fazerem cursos de filosofia, as intuitivas um dia surpreenderem pelo desejo de arrumar os armários da casa, as práticas começarem a imaginar viagens exóticas, as extrovertidas cansarem-se de tanta festa e até fazerem um retiro espiritual e as muito introvertidas, no final da vida, começarem a gostar de reuniões sociais com bate-papo festivo “para descontrair”. É um sinal do fim do mundo? Não, apenas mais um aspecto da busca dinâmica de homeostase através do equilíbrio entre as polaridades.

Kafka parece-me ter sido de tipologia sentimento-sensação introvertidos. A imensa repressão de sua agressividade contra seu pai apresenta-se fixada, internalizada e dirigida contra si próprio. Esta foi uma das vertentes importantes na formação da defesa sadomasoquista, que impediu a inversão da polaridade pai-filho no seu desenvolvimento estruturante e prospectivo do seu complexo paterno, o que acabou não permitindo ao seu Ego exercer o papel de pai na posição ativa.

Em 1913, um ano antes de escrever *Na Colônia Penal*, conto no qual detalha minuciosamente os sentimentos do torturador e do torturado junto com uma terrível máquina assassina, Kafka fantasia

a imagem freqüente de uma fatiadora muito larga, que vai me cortando em alta velocidade e com regularidade mecânica em fatias muito fininhas, que saem voando quase enroladas por causa da rapidez do trabalho (*Sonhos*, p. 70; *Diários*, 04.05.1913).

Como tenho assinalado, o centro da Consciência não é ocupado somente pelo Ego, mas pela polaridade Ego-Outro e Outro-Outro. A Psicologia Simbólica Junguiana descreve a formação e a transformação da identidade do Ego junto com a identidade do Outro a partir de toda e qualquer elaboração simbólica. Isto se torna óbvio quando observamos que qualquer vivência importante transforma igualmente a nossa identidade e a identidade das pessoas e coisas em nossa Consciência. Quando altero meu respeito por uma pessoa ou minha convicção política, modifica-se sempre também a identidade dessa pessoa ou do partido político na minha Consciência. Esta noção é válida para relacionamentos íntimos, profissionais e para qualquer experiência que mude nossa atitude com relação à vida, às pessoas e às coisas.

O relacionamento Ego-Outro, como todas as demais polaridades, inclusive das funções tipológicas, é assimétrico na elaboração simbólica e, com o tempo, busca desenvolver o pólo até então subdesenvolvido. A polaridade ativa-passiva tem aqui um papel significativo. Na primeira infância o Ego tende a ser muito mais passivo que o Outro, como bem expressa a polaridade bebê-pais. No decorrer da vida, o Ego torna-se cada vez mais ativo diante do Outro. Para permitir que ambos os pólos vivenciem sua plena capacidade estruturante, o Arquétipo Central, através do Arquétipo do Coniunctio, coordena a atração de polaridades complementares entre as várias dimensões do Self. É impressionante como o Self Individual determina arquetipicamente a busca no Self Social de associações complementares para promover a expressão de pólos até então pouco desenvolvidos. Já na infância vemos as crianças fazerem amizade com coleguinhas que têm muitas características opostas às suas. Isso vale para a tipologia, mas também para todas as outras polaridades. Essa complementação vai ocorrer também na adolescência, depois no casamento, em sociedades profissionais, amizades e em muitas outras associações na vida. É como se o Arquétipo Central buscasse, na complementaridade, um reforço e um aprendizado para que seus pólos menos desenvolvidos possam expressar-se, fenômeno que faz parte do conceito junguiano de compensação.

Com o tempo, os pólos menos diferenciados do Self Individual, que buscaram reforço e complementação no Self Social, vão se tornando mais desenvolvidos, a assimetria vai diminuindo e os relacionamentos assimétricos ficam cada vez menos importantes, porque vão encerrando a sua função. Esta é a causa do fim de muitos casamentos e

amizades da juventude, de sociedades e até de filiações religiosas e políticas. A assimetria intensa da polaridade pai-filho na personalidade da Kafka foi muito significativa, pois, ao não poder ser transformada, dilacerou sua alma e tornou-se a fixação central do seu quadro defensivo. “De todas as impressões de sua infância, a mais extraordinária é a imagem grandiosa de seu pai”, escreve seu biógrafo e amigo Max Brod (1937, p.13). No entanto, foi impedido de seguir essa idealização por ser ela incompatível com sua introversão, sensibilidade e delicadeza, provenientes de sua própria natureza e da identificação com a família de sua mãe. O pai criou-o com “violência, gritaria e destemperos” para fazê-lo “um jovem forte e corajoso”, mas sua incapacidade de corresponder fê-lo sentir-se “um mero nada”; “a menor crítica do pai era um fardo enorme para o filho, terminando por fazê-lo desprezar a si próprio” (idem, p. 22).

Como, pai, você era forte demais para mim, principalmente porque meus irmãos morreram pequenos, minhas irmãs só vieram muito depois e eu tive, portanto, de suportar inteiramente só o primeiro golpe, e, para isso, eu era fraco demais. (*Carta ao Pai*, p.10).

Com uma tal assimetria no complexo pai-filho, Kafka teria que inverter essa dinâmica, fosse pela crítica ao pai, fosse pelo enaltecimento de suas próprias qualidades, para equilibrar essa polaridade. Ele necessitaria coragem e agressividade para confrontar e diferenciar aquilo que admirava do que repudiava na personalidade de seu pai, e que não era pouco: grande vitalidade e capacidade de dedicação à família e ao trabalho por um lado, e, por outro, egoísmo, narcisismo, prepotência, desconsideração pelos outros – humilhava freqüentemente empregados e familiares –, grosseria e falta de sensibilidade e, o que foi fatal para Kafka: falta de empatia absoluta para com os sentimentos e os sofrimentos do filho. No entanto, pela mescla paralisante de medo, admiração, amor e desprezo, não conseguiu fazê-lo.

Da sua cadeira, você governava o mundo. Sua opinião era a certa e a dos outros, louca, excêntrica, *meshuggah* [maluca], anormal... Para mim, você desenvolveu o efeito desestabilizador que têm todos os tiranos, cujo poder é fundamentado não na razão, mas na sua própria pessoa. (*idem*, p. 15)

A frase inicial da *Carta*, depois do cabeçalho “Muito Querido Pai”, é significativa:

Você perguntou-me uma vez por que eu digo que tenho medo de você. Como sempre, eu não soube como lhe responder, parte devido a esse medo ... na sua presença – você é um excelente orador quando se trata de algo que lhe diz respeito – eu

comecei a falar entrecortado, gaguejante, e até isso era demais para você, de tal forma que eu finalmente calei-me, primeiro talvez por teimosia, mas depois porque eu não podia nem falar nem pensar na sua frente. (*idem*, p. 7)

Consolidou-se aqui, muito provavelmente, a fixação do complexo paterno negativo de Kafka, que o impediu de elaborar e integrar criativamente a assimetria do seu complexo pai-filho. “O resultado exterior imediato de toda essa educação foi que fugi de tudo o que, mesmo à distância, me lembrasse você.” (*idem*, p. 33). No entanto, a busca do equilíbrio da polaridade pai-filho coordenada pelo Arquétipo Central continuou pela denúncia da opressão e a impossibilidade de evitá-la, ainda que através do sadomasoquismo dos personagens da obra. Kafka afastou-se do pai externamente, mas levou até o final da vida a identificação negativa do Outro como implacável perseguidor do seu Ego, como descreveu tão extraordinariamente em *A Construção*, às vésperas de sua morte. Esse drama transcorre no interior da terra, em meio a escavações de túneis e construções de barreiras para defender-se da ameaça de invasão. É o mundo do paranóico, onde se respira o medo do ataque iminente e do qual a atividade obsessiva busca defender-se compulsivamente pelo *workaholismo* condenado de antemão à falência. A metáfora aplica-se tanto aos bacilos da tuberculose corroendo seus pulmões quanto ao anti-semitismo, que já aumentava assustadoramente à sua volta – anos depois, suas três irmãs morreriam num campo de concentração, e Milena seria assassinada por um nazista. No entanto, a presença do Outro maciçamente identificado com o pai persecutório, onipresente na polaridade Ego-Outro das suas identificações primárias negativas, é também bastante evidente.

O estilo descritivo e aparentemente imparcial, objetivo e sem grandes emoções de suas obras é um pano de fundo para realçar a dor inerente às imagens plenas de tragicidade. Foi como se seu pulmão, sufocado e proibido de gritar, esperasse a tuberculose para explodir nas crises de tosse e de hemoptise. Profeticamente, ele menciona na *Carta*: “A expressão que você usava constantemente a respeito de um empregado doente dos pulmões: - esse cachorro doente devia rebentar de uma vez” (p. 34).

O próprio Kafka percebeu que todo o conteúdo de sua obra desenvolveu-se a partir da fixação nesse confronto:

Meus escritos eram sobre você. Neles eu derramei as lamentações que eu não pude derramar no seu peito. Era uma despedida deliberadamente traçada, exceto pelo fato que você, é certo, a havia imposto, **mas cuja direção eu determinei.** (*idem*, p. 52, grifo meu)

Estas últimas cinco palavras expressam o poder do Ego criativo sobre as defesas, ou seja, da Arte sobre a doença mental. No entanto, esta fixação central na formação da Sombra de Kafka, que o impediu de elaborar a assimetria do complexo paterno para construir a sua auto-estima, não se restringiu à relação com o pai.

É certo que minha mãe era de uma bondade ilimitada comigo, mas para mim tudo isso estava relacionado com você ... Inconscientemente, ela exercia o papel de isca na caça ... minha mãe me protegia de você às escondidas e me dava alguma coisa ... Aí eu me tornava de novo, diante de você, a criatura que teme a luz, que engana, que está consciente da própria culpa, alguém que, por causa da sua própria nulidade, só pode chegar por caminhos tortuosos àquilo que considera o seu direito. (*idem*, p.29)

Difícil encontrar melhor metáfora para essa característica da criatura medrosa, fugitiva e traiçoeira, que teme a luz, do que a metáfora do rato, explorada tão intensa e dramaticamente em *Josefina, a Cantora* e *A Construção*.

A identificação com a passividade da mãe também foi determinante para isso, como bem ilustra o fato de ele ter dado a *Carta* para que ela a entregasse ao pai e, tempos depois, a mãe tê-la devolvido, sem havê-la entregue (Brod, 1937). Assim, foi cerceada pela omissão da mãe, induzida pelo filho que lhe delegou a intermediação por falta de coragem própria, a derradeira chance de pai e filho elaborarem sua relação. A última frase da *Carta* expressa a motivação e a esperança de Kafka, que a sentiu “como alguma coisa tão próxima da verdade que pode nos tranquilizar um pouco e tornar a vida e a morte mais leve para ambos.” (p. 74).

Como não poderia deixar de ser, todas as características de assimetria e de complementaridade presentes no desenvolvimento psicológico estão sujeitas a frustrações e disfunções que geram fixações e defesas formadoras de Sombra. Dependendo do grau de assimetria no desenvolvimento das polaridades, sua fixação apresentará disfunções também assimétricas com os mais variados distúrbios presentes nas defesas: condensação, deslocamento, repressão de um dos pólos com exaltação idealizada e maníaca do outro, projeção defensiva do pólo subdesenvolvido na dinâmica do bode expiatório ou transformação desse pólo na ferida central de uma depressão e formação reativa da polaridade são apenas algumas das expressões defensivas que podem se formar. Estas ponderações chamam a atenção para o fato de a Psicopatologia Simbólica Junguiana incluir o fenômeno da fixação e da organização das defesas na formação da Sombra dentro da teoria de desenvolvimento das polaridades.

No que concerne à polaridade das funções estruturantes da afetividade e da agressividade dentro do amor, como todas as demais polaridades, ela também apresenta assimetria no desenvolvimento. Assim, há pessoas que tipologicamente dizem “sim” com muito mais facilidade do que “não” nas suas reações emocionais às coisas e às pessoas e vice-versa. Desta maneira, as polaridades ativo-passiva e narcisista-ecoísta são também tipológicas e sujeitas a acentuada assimetria (Montellano, 1996). Como toda assimetria, estas também tendem ao equilíbrio durante a vida. O desenvolvimento da afetividade torna a pessoa mais compreensiva, tolerante, aceitadora, generosa, carinhosa e digna, e o desenvolvimento da agressividade permite que seus portadores sejam cada vez mais corajosos, assertivos e certos.

A fixação repressiva da agressividade e a afetividade submissa de Kafka deveriam-se tanto ao medo, pena, afeto e repúdio em relação ao pai quanto à identificação com a “santidade” covarde e subserviente da mãe, que reviveu com sua noiva Felice Bauer:

Minha cara, acho que sonhei com você a noite inteira, mas só me lembro de dois sonhos... No segundo sonho, você era cega. Um instituto berlinense para cegos tinha organizado uma excursão para o vilarejo onde eu passava o verão com a minha mãe... Ela usava um vestido muito amplo, uma espécie de hábito de freira... Insistia que as meninas cegas lhe prestassem serviços, dando preferência a uma de vestido preto e rosto redondo, com uma das faces tão sulcadas por cicatrizes que parecia ter sido inteiramente dilacerada... (Carta a Felice Bauer, 07-08.12.1912, in *Sonhos*, pp. 57-60)

F. esteve aqui e viajou 30 horas para ver-me; eu deveria tê-la impedido de vir. Acho que ela sofre muitíssimo e a culpa é essencialmente minha. Sinto-me incapaz de me controlar e impotente ao ter meu sentimento bloqueado, só pensar nos meus incômodos e, como única concessão, condescender em desempenhar o meu papel ... ela é uma pessoa inocente, condenada à tortura extrema e eu sou culpado do problema que a tortura e, além disso, sou o seu torturador. (*Diário*, 21.09.1917)

Na psicoterapia dinâmica, a elaboração desta fixação sadomasoquista, central na personalidade de Kafka, deve necessariamente incluir o resgate da afetividade e da agressividade defensivas próprias da função estruturante do amor, junto com o resgate da consideração, obediência e assertividade defensivas presentes na função estruturante do poder. Geralmente, este processo passa, dentro do Self Familiar, por uma etapa de elaboração das projeções nas figuras dos pais e no vínculo entre eles, e pela reação do Ego a eles. Posteriormente, envolve as relações adultas íntimas, por exemplo, cônjuge, irmãos, colegas, amigos e filhos no Self Familiar e no Cultural. Finalmente, tal elaboração centraliza-se na polaridade Ego-Outro e em seus significados mais íntimos nas vivências do Self Individual, incluindo a criatividade profissional e existencial. A separação entre estas três

etapas é teórica. Na prática, elas estão sempre entrelaçadas. Para desempenhar esta elaboração simbólica arquetípica e sistêmica recomendo que todo terapeuta, além da análise pessoal, tenha também formação com atendimento de casos individuais, de casal e de família.

As Quatro Dimensões da Gravidade das Defesas

Dentro da escala de gravidade das defesas descritas pela Psicopatologia Simbólica Junguiana, temos quatro graus representados pelas dimensões psicopatológicas neurótica, psicopática, borderline e psicótica (Byington, 2003) Esta escala de gravidade crescente é caracterizada em função da invasão e do domínio da polaridade Ego-Outro da Consciência pela polaridade Ego-Outro da Sombra. Na dimensão neurótica, as defesas da polaridade Ego-Outro da Sombra envolvem a polaridade Ego-Outro da Consciência, sem que esta o perceba, o que torna a dimensão neurótica predominantemente inconsciente. Apesar de relativamente comprometido, o desempenho existencial e a adaptação social da personalidade continuam, até certo ponto, satisfatórios. Na dimensão psicopática, a polaridade Ego-Outro da Sombra domina a polaridade Ego-Outro da Consciência com a sua aquiescência parcial, o que caracteriza a prática do Mal com intenção consciente, ou seja, com dolo. Na dimensão borderline, a polaridade Ego-Outro da Consciência é dominada em parte considerável pela polaridade Ego-Outro da Sombra, a ponto de comprometer significativamente o desempenho existencial da personalidade. A expressão **borderline** quer dizer **limítrofe**, e refere-se à fronteira da dimensão psicótica. A defesa borderline depende do poder criativo da personalidade para evitar o desencadeamento da defesa psicótica. Finalmente, na dimensão psicótica, a polaridade Ego-Outro da Consciência é completamente dominada pela polaridade Ego-Outro da Sombra, que, durante os episódios ou estados psicóticos, assume o comando parcial ou total das funções estruturantes fixadas (Byington, 1987, 2003).

No contexto da personalidade de Kafka, vemos que a defesa sadomasoquista vai aos poucos envolvendo neuroticamente a polaridade Ego-Outro no Self Familiar, Sociocultural e Ecológico (*A Construção*), ao mesmo tempo em que vai se estruturando e se consolidando no Self Individual. A defesa sadomasoquista, vigente na relação com seu pai e sua mãe, vai também sendo expressa na sua obra e, paulatinamente, passa da dimensão neurótica para a psicopática e finalmente, para a defesa borderline, na qual o autor se abstém das emoções terríveis que descreve sadicamente e as repassa ao leitor, que não

pode deixar de empatizar com elas como torturado-torturador. Os críticos que transformam em santidade o universo infernal kafkiano por sua denúncia do Mal parecem não se dar conta do que acontece com suas próprias emoções ao lê-lo. Ler Kafka é ser arrastado impiedosamente para um mundo sadomasoquista, onde impera uma atmosfera de dor, solidão, desespero e incompreensão exercidos pela tortura e aceitos com submissão, em meio à inevitabilidade do fracasso.

Arte e Psicopatologia

A personalidade artística freqüentemente inclui a patologia, e é muito difícil reconhecer as duas dimensões sem reduzir uma à outra, embora essa tentação aumente muito quando o artista é portador de defesas graves e até mesmo de distúrbios mentais, o que não raro acontece. Nesse sentido, a polaridade das funções estruturantes não fixadas e fixadas é muito útil, seja para diferenciar a dimensão artística das demais dimensões na personalidade, seja para perceber as funções estruturantes não fixadas e as fixadas na própria dimensão estética.

Além da função transcendente, da função sacrificial e da função ética, **a função estética é uma das funções constantes de toda elaboração simbólica** (ver diagrama no final). Mesmo sem nos darmos conta, tudo o que fazemos tem um estilo pessoal que adotamos e diferenciamos cada vez mais durante a vida. Desde cedo, podemos observar que as crianças começam a desenvolver um estilo pessoal para fazer as coisas, o que torna a vida inseparável da Arte. Muitos pais coíbem essa função estruturante, confundindo-a com a onipotência infantil, que não deve ser estimulada, sob pena de a criança tornar-se voluntariosa, desobediente e sem limites. Baseados no lema patriarcal “é quando pequenino que se torce o pepino”, almejando dar limites para formar o caráter, reprimem a criatividade da criança e, junto com ela, o desenvolvimento do estilo pessoal através da função estruturante da estética.

Isto não quer dizer que eu seja a favor de uma educação mimada e sem limites. Pelo contrário! O que advogo é uma educação pelo Arquétipo da Alteridade, que exerça a disciplina patriarcal, lado a lado com o prazer e a sensualidade característicos do Arquétipo Matriarcal, sempre levando em conta a existência da individualidade de cada criança que precisa ser encorajada para desenvolver-se. Dar limites e não mimar ou estimular a onipotência é muito produtivo na educação, mas não deve ser confundido e usado para pasteurizar e reprimir a individualidade das crianças, que inclui o seu gosto próprio e o estilo

de sua personalidade. A sofisticação dos pais nas vivências de seu próprio estilo de vida é um modelo importante. Ridicularizar a criança nas suas primeiras incursões na estética, geralmente expressas na maneira de sentar-se à mesa, de comer, vestir-se ou enfeitar-se, de andar, assoviar, cantarolar, desenhar ou falar, pode trazer uma fixação na função estética para o resto da vida (Byington, 2004).

Bastava estar feliz com alguma coisa, ficar com a alma plena, chegar em casa e expressá-la, para que a resposta fosse um suspiro irônico, um meneio de cabeça, o bater do dedo sobre a mesa. – “Já vi coisa melhor”, ou – “Para mim, você vem contar isso?” Ou - “Minha cabeça não é tão fresca quanto a sua”, ou - “Dá para comprar alguma coisa com isso?” (*Carta ao Pai*, p.16)

Bastava que eu tivesse um pouco de interesse por alguém ... para que você, sem qualquer respeito pelo meu sentimento e sem consideração pelo meu julgamento, interviesse logo com insulto, calúnia e humilhação. (*idem*, p. 17)

À mesa, não era permitido partir os ossos com os dentes, mas você podia ... não era permitido se ocupar de outra coisa a não ser da refeição, mas você podia e cortava as unhas, apontava o lápis, limpava os ouvidos com o palito dos dentes ... Eu vivia imerso na vergonha: ou seguia as suas leis e isso era vergonha porque elas só valiam para mim, ou ficava teimoso e isso também era vergonha, pois como me permitir ser teimoso diante de você? (*idem*, p. 19)

Desta maneira, quando alguém começa a se dirigir para uma vocação artística, é muito importante que sua criatividade profissional sinta-se enraizada no seu estilo de vida pessoal, oriundo da função estruturante estética que, por ser arquetípica, expressa a criatividade do Arquétipo Central. Criar é transgredir, é o jogo da vida. Conviver aberto para a criatividade do Arquétipo Central significa admitir romper e sacrificar o *status quo* em função das exigências de transformação do ser. Infelizmente, isto foi tudo o que Kafka foi impedido de viver. Pelo contrário! O peso dos seus complexos materno e paterno negativos foi demasiado grande para sua coluna vertebral. Quando a função estética e a criatividade existencial são reprimidas na individualidade da criança, a função transgressora tende a ocorrer na Sombra individual, familiar e social. Lembremos Gauguin, pai de cinco filhos, de uma família de classe média e corretor da Bolsa de Valores de Paris que, para obedecer ao seu impulso artístico, abandonou tudo e foi pintar na Polinésia. Ou ainda, todos os artistas que vivem a criatividade inseparavelmente da vida noturna desregrada, das drogas, da marginalidade social e da miséria. Modernamente, com a progressiva implantação do Arquétipo da Alteridade na globalização, torna-se cada vez mais freqüente a criatividade artística inserida em sintonia com a sociedade. No caso de Kafka isto não ocorreu, inclusive pelo fato de grande parte de sua obra ter sido publicada depois de sua morte.

A destruição da maior parte de sua criatividade, ordenada por Kafka, pode ser interpretada como o apogeu de sua defesa sadomasoquista. Se Max Brod não tivesse impedido que essa defesa atuasse sobre sua própria criatividade, Kafka teria morrido como José K., em *O Processo*, ou o oficial da obra *Na Colonia Penal*, ou ainda como o filho, em *O Veredicto*, ou seja, a própria obra teria sido destruída como foram os seus personagens. A esse respeito, é difícil não interpretarmos prospectivamente os últimos quadros de van Gogh, nos quais os corvos sobrevoando as plantações ensolaradas expressam, ao mesmo tempo, a genialidade artística e a psicose depressiva que anunciam o suicídio. Nesse sentido, a ordem de destruição dada ao melhor amigo combina perfeitamente com a pessoa que se sente como uma barata, um cachorro ou um rato, e expressa sua condição sub-humana até morrer em conformismo e desespero e ser jogado no lixo para não incomodar mais (*A Metamorfose* e *O Artista da Fome*).

Ressurreição, Religiosidade e Transcendência na Luta entre a Arte e a Patologia

Na luta entre o Bem e o Mal, entre o exercício das funções estruturantes não fixadas e as fixadas, ou seja, entre a Consciência e a Sombra, a função estruturante da criatividade desempenha um papel central na vida individual e cultural. Apesar de entrelaçar-se com a patologia na personalidade, a criatividade produtiva busca sempre englobar e ultrapassar a patologia que ameaça estagnar a personalidade e destruir a cultura.

Coube à saudosa Nise da Silveira o dom de demonstrar que até mesmo a esquizofrenia pode ser englobada e ultrapassada levando avante o instinto de individuação do Arquétipo Central através da criatividade artística. Estão à disposição dos estudiosos vídeos sobre Carlos Pertuis, Fernando Diniz e Adelina Gomes, documentando minuciosamente esse fato em suas personalidades no Hospital do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro (FUNARTE).

No caso de Kafka, a gravidade de sua fixação na defesa sadomasoquista manteve sua vida num sofrimento atroz e terminou por expressar sua depressão suicida na ordem para que sua obra fosse destruída. Destruir a obra genial do artista seria matar sadicamente, pois com intenção, ou seja, dolo, uma das maravilhas da literatura do século 20. Seria o triunfo da patologia sobre a Arte que, através de um estilo expressionista exuberante de criatividade, expôs, talvez como ninguém, a maldade prepotente,

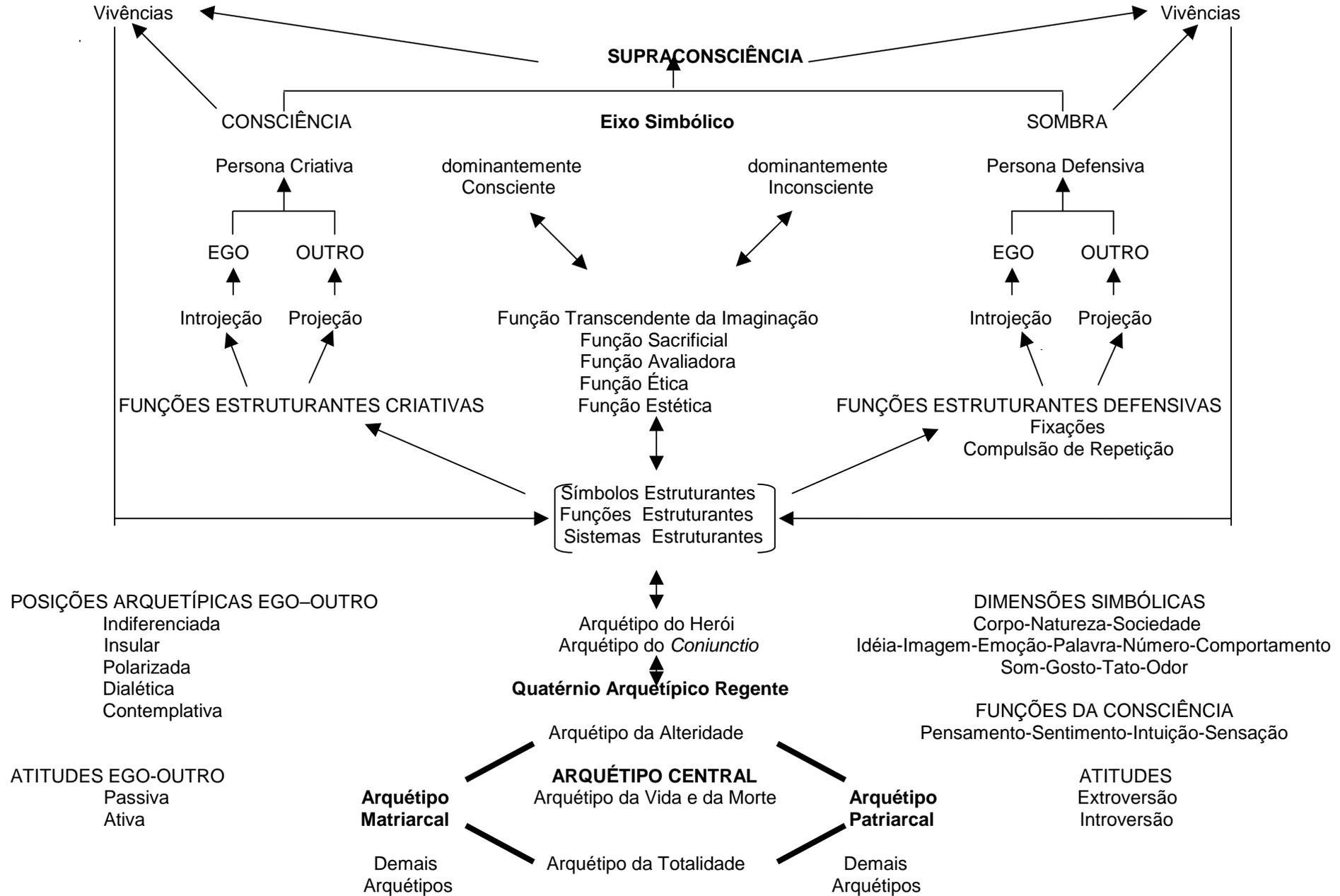
maquiavélica e opressiva que, através da defesa sádica, fere a vulnerabilidade impotente da defesa masoquista e destrói a esperança dos oprimidos.

A consagração da arte de Kafka após sua morte tem um significado simbólico especial, que é o triunfo da Arte para além do Self Individual. Morreu o artista em meio ao sofrimento e ao desespero. Mas isto não é o fim. A ressurreição no Self Cultural mantém-no vivo, levando adiante a sua luz para continuar expondo o Mal e defendendo o Bem no caminho da humanidade.

Psicologia Simbólica Junguiana

ESTRUTURA E DINÂMICA DO SELF

Processo de Elaboração Simbólica



Sinopse

O autor, dentro do referencial teórico da Psicologia Simbólica Junguiana, estuda a relação da Arte com a Psicopatologia e situa o sadomasoquismo como a defesa central dos relacionamentos humanos. Postula a sua formação através da fixação das identificações parentais, que inclui o vínculo entre mãe e pai e as reações do Ego a eles. Esta fixação envolve a interação da função estruturante do amor (afeto e agressividade) com a função estruturante do poder (obediência e comando).

O autor ilustra estes conceitos na vida e na obra de Franz Kafka, descrevendo a identificação do seu Ego na Consciência predominantemente com o afeto delicado, sensível e introvertido do seu complexo materno positivo, e do seu Ego na Sombra com a passividade covarde e masoquista do seu complexo materno negativo. Descreve também a identificação do Outro na Consciência predominantemente com a exuberância vital, a produtividade e a dedicação ao trabalho e à família do seu complexo paterno positivo e do seu Outro na Sombra com a agressividade egocêntrica, sádica, prepotente e extrovertida do seu complexo paterno negativo. A resultante desta grave fixação foi uma relação sadomasoquista da polaridade Ego-Outro na sua personalidade, claramente expressa na sua famosa *Carta ao Pai* e na maior parte de sua obra, inclusive na sua ordem para que fosse destruída junto com seus diários.

Byington conclui mencionando alguns aspectos da relação entre Arte e Psicopatologia e postula que o Arquétipo Central abrange os complexos fixados do sistema defensivo da Sombra, mas busca ultrapassá-los na auto-realização criativa do Processo de Individuação. No caso de Kafka, isto não aconteceu no Self Individual, mas realizou-se vigorosamente através da imagem arquetípica da ressurreição no Self Cultural.

Abstract

Within the conceptual framework of Jungian Symbolic Psychology, the author studies the relationship between Art and Psychopathology and considers sadomasochism to be the defensive core of all psychological relationships. He postulates its formation mainly through the fixation of the Ego-Other polarity in the primary negative parental identifications, including the meaning of the relationship between father and mother and the reactions of the ego towards them. This fixation involves the interaction between the

structuring function of love (affection and aggression) and that of power (obedience and control).

The author illustrates these concepts in the life and work of Franz Kafka, describing his ego's identification in consciousness predominantly with the gentle, affectionate and sensitive introversion of his positive mother complex and of his ego in the shadow with the masochistic cowardly passivity of his negative mother complex. He describes also the identification of the other in consciousness predominantly with the vital exuberance, the productivity and the dedication to work and to the family of his positive father complex, and of the other in the shadow dominantly with sadistic egocentric and aggressive extroversion of his negative father complex. The result of this severe fixation was a sadomasochist relationship of the ego-other polarity in his personality expressed clearly in the famous letter to his father and in most of his work, including his wish to destroy it.

Byington concludes by mentioning some aspects of the relationship between art and psychopathology and postulates that the Central Archetype encompasses the fixated complexes of the shadow's defensive system, and tries to go beyond them in the creative self-realization of the individuation process. In the case of Kafka, this could not occur in the individual Self, but was realized through the archetypal image of resurrection in the cultural Self.

Referências Bibliográficas

Brod, Max (1937). *Franz Kafka – A Biography*. New York: Da Capo Press, 1995.

Byington, Carlos Amadeu Botelho (1987). Arquétipo e Patologia – Introdução à Psicologia Simbólica. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. São Paulo, 1987, n° 5, pp. 79 a 126.

_____ (1994). A Missão de Seu Gabriel e o Arquétipo do Chamado – Um Estudo da Psicologia Simbólica. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. São Paulo, 1994, n° 12, pp. 110-133.

_____ (1997). Ética e Psicologia – Uma Metodologia para o Estudo Científico da Ética pela Psicologia Simbólica. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. São Paulo, 1997, n° 15, pp. 102-123.

_____ (2003). Psiquiatria e Política. A Psicopatia Individual e Coletiva no Nacional Socialismo – Um Estudo da Psicologia Simbólica. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. São Paulo, 2003, n° 21, pp. 46-62.

_____ (2004). *A Construção Amorosa do Saber – Fundamento e Finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana*. São Paulo: W11, 2004. Capítulo 1.

Freud, Sigmund (1905). *Três Ensaios sobre a Sexualidade*. Obras Completas, vol. 7. Rio de Janeiro: Imago. 1969.

_____ (1923). *O Ego e o Id*. Obras Completas, vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Jung, Carl Gustav (1951). *Aion*. Obras Completas, vol. 9 II. London: Routledge and Kegan Paul, 1959.

Kafka, Franz (1909-1923). *Sonhos*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____ (1910-1923). *Franz Kafka – Diaries 1910-1923*. Ed. por Max Brod. New York: Schocken Books, 1948.

_____ (1912). *A Metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

_____ (1912). *O Veredicto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____ (1914). *Na Colônia Penal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____ (1914). *O Processo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____ (1919). *Carta ao Pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____ (1923). Josefina, a Cantora in *Um Artista da Fome*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____ (1923). *Um Artista da Fome*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____ (1923). *A Construção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Krafft, Ebing (1893) *Psychopathia Sexualis* in Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1967) *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

Montellano, Raquel M. P. (1996). Narcisismo: Considerações Atuais. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. São Paulo, 1996, nº 14, pp. 86-91.

Neumann, Erich (1948). *Depth Psychology and a New Ethic*. New York: Harper & Row, 1969.

Silveira, Nise da. *Imagens do Inconsciente 1 – Em Busca do espaço Cotidiano*. Fernando Diniz. Rio de Janeiro: Funarte, Ministério da Cultura. Direção: Leon Hirszman. Vídeo.

_____ *Imagens do Inconsciente 2 – No Reino das Mães*. Adelina Gomes. Rio de Janeiro: Funarte, Ministério da Cultura. Direção: Leon Hirszman. Vídeo.

_____ *Imagens do Inconsciente 3 – A Barca do Sol*. Carlos Pertuis. Rio de Janeiro: Funarte, Ministério da Cultura. Direção: Leon Hirszman. Vídeo.

von Bertalanffy, Ludwig (1968). *General Systems Theory*. New York: Bazillen, 1968.